

IBS promove encontro da siderurgia em Brasília

Cristiano Mariz / IBS



Rico Vicente, presidente do IBS, discursa durante o almoço de confraternização do Instituto, em Brasília

O Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Luiz Fernando Furlan, representantes de diversos segmentos da cadeia sidero metalúrgica, assim como do poder executivo e parlamentares estiveram presentes no almoço de confraternização do Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS), em Brasília, no dia 29 de novembro. O presidente do IBS, Luiz André Rico Vicente, fez um balanço do ano que se encerra e apresentou as expectativas do setor para o próximo ano. O Ministro Furlan falou sobre suas perspectivas para a economia brasileira, com destaque especial ao que se refere ao desenvolvimento da indústria. **Pág. 3.**

Entraves ao crescimento preocupam Furlan

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), Luiz Fernando Furlan, em seu discurso no almoço de confraternização do IBS, demonstrou preocupação com os entraves ao crescimento. "Estamos falando de um setor (siderúrgico) que pode ser mais forte se alguns entraves forem retirados, como a desoneração de investimentos para toda a cadeia. Os investimentos anunciados (pelo setor siderúrgico) se realizaram e outros estão pela proa. (...) Tudo indica que estamos caminhando", afirmou o ministro. **Pág.3.**

Cristiano Mariz / IBS



Ministro Furlan, MDIC

Divulgação / CNI



Café da manhã da Ação Empresarial, em Brasília

Ação Empresarial discute crescimento econômico antes do evento do IBS

O Comitê Executivo da Ação Empresarial se reuniu, aproveitando o encontro da siderurgia, para analisar e discutir questões relacionadas ao crescimento econômico e a redução dos gastos correntes. **Pág. 4**

Mercofer tem novo presidente

Martin Berardi, diretor-geral da Ternium Siderar, assumiu a presidência no Mercofer (Conselho Siderúrgico do Mercosul), durante o almoço de confraternização de final de ano do IBS. **Pág. 4**

A polêmica sobre a terceirização

Na contramão do que ocorre no resto do mundo, o governo Lula apresenta uma enorme resistência ao trabalho terceirizado.

A terceirização é uma tendência mundial. As grandes empresas da Europa, por exemplo, compram de outras empresas cerca de 80% dos itens que compõem seus produtos finais. No Brasil, 75% das grandes empresas fazem o mesmo.

Esse é um caminho sem volta. As empresas preferem concentrar seus esforços no que sabem fazer e contratar fora o que outros fazem melhor. As empresas siderúrgicas, por exemplo, preferem contratar firmas especializadas para realizar a manutenção de um alto-forno, por se tratar de uma tarefa complexa, delicada e arriscada. Ninguém conhece melhor o tijolo refratário do que seus fabricantes. A sua participação como contratados utiliza profissionais qualificados, especificamente treinados nessa área de atividade e que se responsabilizam por aquilo que fazem. Para as siderúrgicas, cuidar dessa área constitui uma aventura que, por razões óbvias, elas se negam a fazer.

A terceirização gera empregos para um grande número de pessoas que, de outra forma, estariam desempregadas ou trabalhando no mercado informal. A revolução tecnológica está viabilizando novas formas de trabalhar. Com o uso da informática e telecomunicações, muitas pessoas trabalham à distância. Outras vendem serviços de forma intermitente e por projetos que têm começo, meio e fim. Uma grande maioria trabalha em empresas que se formalizaram e contrataram formalmente seus empregados.

No Brasil, as áreas mais terceirizadas são: informática, organização e métodos, serviços jurídicos, relações públicas, recrutamento e seleção, treinamento e desenvolvimento, administração de cargos e salários, folha de pagamento, benefícios em geral, restaurante e alimentação, previdência privada, saúde, seguro de vida e acidentes, transporte coletivo, limpeza e conservação, segurança, gráfica, correio externo, malote, frota de veículos, importação e exportação, auditoria de sistemas, marketing, pesquisa de mercado, propaganda, projetos, laboratórios diversos e serviços domésticos.

As centrais sindicais argumentam que a terceirização precariza o trabalho. Há um fundo de verdade nessa assertiva. A terceirização mal feita precariza mesmo. A bem feita, não.

A terceirização mal feita é a que busca apenas o menor custo. A bem feita busca o melhor preço, o que implica no uso de especialização e de alianças de confiança, o que requer tratamento condigno a quem presta os serviços.

No Brasil, pela inexistência de um disciplinamento legal e de mecanismos de controle efetivo nesse campo, não há estímulos para a progressão da boa terceirização. A única peça orientadora nesse campo é o Enunciado 331 do TST, que é confuso e incompleto. Ao restringir esse processo às atividades-

“As empresas preferem concentrar seus esforços no que sabem fazer.”

meio, por exemplo, o Enunciado põe mais calor do que luz na polêmica em tela porque é difícil, senão impossível, saber-se o que é meio e o que é fim na dinâmica das empresas atuais. Já foi o tempo, por exemplo, que a General Electric gerava a maior parte de sua receita vendendo turbinas de avião e ressonância magnética. Hoje, o grosso de seus ganhos vem da prestação de serviços de manutenção a esses equipamentos. De produtora virou prestadora de serviços terceirizados. Mas, amanhã, ela pode querer fazer o caminho inverso. A separação entre meio e fim não é estática e nem definitiva.

A CLT dá pouca segurança às empresas, pouca proteção aos trabalhadores e nada faz para estimular alianças e respeito mútuo entre contratantes e contratados. O vácuo legal nessa área é assustador.

Progressos razoáveis foram feitos pelas comissões técnicas do Senado Federal e da Câmara dos Deputados nos últimos anos. É pena que o governo Lula abortou todo esse esforço ao retirar do Congresso Nacional os projetos que estavam maduros.

O assunto precisa ser retomado com a maior urgência, pois as empresas que fazem a terceirização bem feita precisam da segurança jurídica e as demais precisam de estímulos e controles que as levem à boa terceirização.

Consolidada e implementada a Aliança Público-Privada, a siderurgia se libertará da incerteza e poderá planejar sua logística para desafios ainda maiores que sua meta de expansão de 50 Mt de aço, em 2010.

Siderurgia brasileira contribui para o desenvolvimento do País



Ministro Furlan e o presidente do IBS, Rico Vicente

A siderurgia brasileira tem obtidos bons resultados e contribuído para o crescimento da indústria e o desenvolvimento da economia brasileira. Foi o que destacou Luiz André Rico Vicente, presidente do IBS. "Com relação às exportações, o setor é um dos principais geradores de saldo comercial do país", disse.

EXPORTAÇÕES. As exportações de aço este ano devem gerar receita de US\$ 6,4 bilhões e, segundo o presidente do IBS, "aumentar, significativamente, em 2007 e nos anos seguintes, com a entrada em operação dos novos projetos que estão sendo implementados".

Considerando apenas os projetos do parque existente, os programas de investimentos totalizam US\$ 11,2 bilhões até 2010. A capacidade de produção deverá ser elevada dos atuais 36,5 milhões de toneladas para 44 milhões de toneladas/ano de aço bruto. Com os novos projetos (greenfields), a capacidade total pode chegar a 50 milhões de toneladas/ano.

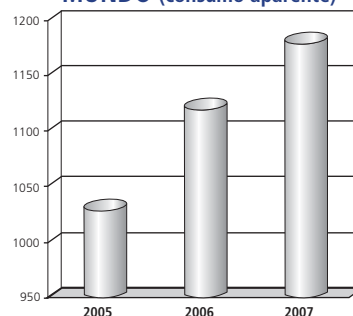
INVESTIMENTO. "Esse conjunto de iniciativas envolve investimentos significativos, destinados na maior parte para a fabricação de semi-acabados para exportação, aumentando, naturalmente, a contribuição da siderurgia ao balanço comercial do país", afirmou Rico Vicente.

Consumo Aparente de Produtos Siderúrgicos

Unid: milhões de toneladas

PAÍSES / REGIÕES	2005	2006	2007	06/05		07/06	
				Estimado	Previsão	(%)	(%)
União Européia	158,8	171,5	169,6			8,0	(1,1)
Outros Europa	29,3	32,1	34,0			9,5	6,0
CIS	43,5	46,5	50,9			7,0	9,4
América do Norte	139,7	151,8	150,8			8,7	(0,7)
América do Sul	32,3	36,0	38,6			11,6	7,1
África	22,4	24,6	25,7			10,0	4,4
Oriente Médio	34,0	37,3	40,6			9,6	8,9
Japão	78,0	78,6	80,8			0,8	2,8
Índia	38,1	41,9	45,7			10,0	9,1
Resto da Ásia (exc. China)	117,8	118,5	121,8			0,6	2,8
Oceania	7,9	7,8	7,9			(1,6)	1,3
Mundo (exc. China)	701,8	746,7	766,4			6,4	2,6
China	327,0	374,0	413,0			14,4	10,4
Total Mundo	1.028,8	1.120,7	1.179,4			8,9	5,2

MUNDO (consumo aparente)



Fonte: IISI

Entraves ao crescimento

O ministro Furlan se mostrou satisfeito com o desempenho da siderurgia brasileira, mas preocupado com os entraves ao crescimento que podem influenciar a competitividade da indústria nacional.

- Estamos falando de um setor que pode ser mais forte se alguns entraves forem retirados, como a desoneração dos investimentos para toda a cadeia. Os investimentos anunciados se realizaram e outros estão pela proa. O diálogo entre o Governo e o setor privado está bem colocado. Tudo indica que estamos caminhando, apesar das diferenças e ameaças, para uma situação melhor para a indústria e para esse setor - disse.

Furlan aconselhou que o setor siderúrgico aproveite as sinergias do Mercosul para se tornar ainda mais competitivo globalmente. "Isonomia competitiva deve ser nossa palavra chave", destacou o ministro.

Produção de Aço Bruto

Unid: milhões de toneladas

PAÍSES / REGIÕES	2005	2006
União Européia (25)	187,3	166,4
Outros Europa	32,4	27,8
CIS	112,9	99,0
América do Norte	127,6	112,1
América do Sul	45,3	37,9
África	17,5	14,1
Oriente Médio	14,6	12,4
Japão	112,5	96,2
Índia	38,1	35,1
Resto da Ásia (exc. China)	66,8	56,8
Oceania	8,6	7,3
Mundo (exc. China)	763,6	665,1
China	355,8	346,1
Total Mundo	1.119,4	1.011,2

Fonte: IISI / Países Associados

O desafio do crescimento

Empresários, representantes de entidades de classe e parlamentares aproveitaram o evento de confraternização do IBS para discutir sobre um dos maiores desafios da atualidade: o crescimento econômico. O presidente da CNI, Armando Monteiro Neto, o presidente da Arcelor - Brasil, José Armando de Figueiredo Campos, assim como Martin Berardi, diretor-geral da Ternium Siderar, e o presidente da Belgo Arcelor Brasil, Carlo Panunzi, estiveram presentes no evento.

COMPETITIVIDADE. O presidente do IBS, Rico Vicente, destacou a necessidade de priorizar ganhos em competitividade, dentro de uma concepção integrada da cadeia siderúrgica. "Além de questões tributárias e de financiamento, temos reconhecidas deficiências de infra-estrutura e forte preocupação com os sistemas portuário e energético", disse.

Mesmo diante dos desafios internos e externos, Rico Vicente afirmou ter convicção de que não faltarão recursos para equacionar estas e outras questões básicas ao desenvolvimento nacional. "Desde que o país tenha marcos regulatórios adequados e regras estáveis", completou Rico Vicente.

CHINA. Outro tema de destaque nas conversas



Cristiano Mariz / IBS

Figueiredo, Arcelor Brasil, e Monteiro, CNI, no evento do IBS

entre parlamentares, representantes de entidades de classe e empresários, foi a crescente ameaça chinesa. O presidente do IBS comentou sobre os impactos do crescimento da China, de 16% ao ano, no cenário mundial.

- A China transformou-se simultaneamente em grande produtor, e, por alguns anos, em grande importador de produtos siderúrgicos. Foi o principal responsável pela reversão da profunda crise que assolou a siderurgia mundial no final da década passada e início desta. Elevou sua capacidade de produção em níveis muito acima da demanda doméstica e torna-se, agora, uma ameaça ao se transformar no maior exportador de aço - afirmou Luiz André Rico Vicente.

Ação Empresarial se reúne na confraternização da siderurgia

Estiveram presentes na reunião do Comitê Executivo da Ação Empresarial (AE), além do coordenador-geral, Jorge Gerdau, o coordenador geral adjunto, Cristiano Franco Neto, o coordenador executivo Marco Polo de Mello Lopes, os presidentes das Confederações Nacionais da Indústria, Armando Monteiro, da Agricultura, Fábio Meirelles, das Entidades Financeiras, Gabriel Jorge, e o vice-presidente da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Gil Siufffo.

Participaram também o presidente da Confederação das Associações Comerciais e Empresariais do Brasil, Luiz Otávio Gomes, o presidente do IBS, Rico Vicente, e o presidente da coordenadoria de assuntos legislativos da CNI, Carlos Eduardo Moreira Ferreira. Foram analisadas e discutidas as questões relacionadas ao crescimento econômico e à redução dos gastos correntes.

Após avaliação da última reunião mantida com o presidente Lula, foram definidas as próximas ações do Movimento da Ação Empresarial junto ao Executivo, Legislativo e Judiciário, objetivando viabilizar a implantação das medidas imprescindíveis à aceleração do crescimento econômico.



Cristiano Mariz / IBS

Martin Berardi e Carlo Panunzi, troca de presidência no Mercofer

Martin Berardi é o novo presidente da Mercofer

Antes do almoço de confraternização, houve reunião conjunta do Conselho Diretor do IBS com o Mercofer (Conselho Siderúrgico do Mercosul) para discussão de temas de interesse da siderurgia latino-americana. Martin Berardi, diretor-geral da Ternium Siderar, da Argentina, assumiu a presidência no Mercofer. Deixou o cargo, o presidente da Belgo Arcelor Brasil, Carlo Panunzi. A troca de presidência acontece a cada dois anos.

IBS·2007

20º congresso brasileiro de

siderurgia



A siderurgia mundial passa por um período de intensas transformações que estão modificando rapidamente o perfil desta indústria e exigindo de todas as empresas uma ampla reavaliação de suas estratégias. Este processo vem tendo impactos relevantes na siderurgia brasileira e no posicionamento do País no cenário global.

As principais implicações desse novo cenário constituirão os temas centrais dos debates a serem realizados durante o 20º Congresso Brasileiro de Siderurgia. O evento está sendo organizado pelo Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS), de 28 a 30 de maio de 2007, em São Paulo, com a participação de representantes do governo, dirigentes de empresas siderúrgicas do País e do exterior, além de especialistas em temas diversos relacionados ao setor.

Reserve já essas datas em sua agenda e venha

participar conosco de um debate que interessa não só às empresas siderúrgicas como a todos os segmentos que integram as cadeias produtivas do aço.

SiderExpo

A variedade de produtos e soluções em que o aço se insere faz com que essa indústria seja o centro de uma extensa cadeia produtiva. A SiderExpo 2007 será uma boa oportunidade para ter contato com as empresas do setor em um ambiente propício para começar negócios e apresentar produtos, serviços e inovações tecnológicas. Em um mesmo lugar, estarão os executivos de toda a cadeia do aço, de fornecedores a consumidores.

28/05/07

Abertura solene (participação do Presidente da República)
Abertura da SiderExpo
Coquetel

29/05/07

Painel I
Situação da Economia Mundial
Palestrantes:
- Eduardo Giannetti (economista, Prof. do IBMEC-SP - Brasil)
- Arturo Valenzuela (Prof. de Ciências Políticas da Universidade de Georgetown - EUA)
- Felipe Larrain (Prof. do Instituto de Economia da Universidade Católica do Chile)

Painel II
Tendências da Siderurgia Mundial - A Visão de Grandes Empresas Internacionais
Palestrantes:
- Lakshmi Mittal (Presidente da Arcelor- Mittal - Índia)
- Hans-Ulrich Lindenberg (Membro do Conselho Executivo da Thyssen Krupp Alemanha)
- Daniel DiMicco (Presidente da Nucor Corporation - EUA)

- Akio Mimura (Presidente da Nippon Steel - Japão)

Almoço

Painel III
Tendência da Siderurgia Mundial - As perspectivas dos BRIC's.
Palestrantes:
- China / Barry Naughton (Prof. de Economia sobre a China da Universidade da Califórnia - EUA)
- Índia / a confirmar
- Alexei Mordashov (Presidente da Severstal - Rússia)
- Brasil / Rinaldo Campos Soares (Presidente da Usiminas/Cosipa - Brasil)

Painel IV
Tendências dos Grandes Setores Consumidores - Situação e Perspectivas para o Brasil
Palestrantes:
- Setor Automotivo / Rogério Golfarb (Presidente ANFAVEA - Brasil)
- Setor Construção Civil Graham Owens (Diretor SCI - UK)
- Infra-Estrutura / Energia e Transporte - Presidente da ABDIB
- Infra-Estrutura / Petróleo e Gás - ONIP

30/05/07

Painel V
Fatores Determinantes de Competitividade na Siderurgia - A Situação do Brasil no Contexto Mundial
Palestrantes:
- Matérias-primas - minério de ferro e carvão / Calum Baker (Gerente da área de matérias primas da CRU Strategies - Inglaterra)
- Logística / Marcos Lutz (Diretor-executivo de infra-estrutura e energia da CSN - Brasil)
- Meio Ambiente / José Armando de Figueiredo Campos (Presidente da Arcelor Brasil)
- Recursos Humanos / José Pastore (Professor FEA-USP)

Sessão de Encerramento (participação do Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior)

Posse Novo Presidente IBS

Almoço

Mais informações:
www.ibs.org.br/hotsite
Tel.: (0xx21) 2141-0001

Estatística

As empresas siderúrgicas devem terminar 2006 com produção de aço bruto 2,2% inferior em relação a 2005, devido às perdas ocorridas no 1º semestre com a parada de equipamento de grande porte. O Brasil passará a ocupar a 10ª posição na produção mundial, superado por Itália e Índia.

No mercado interno, o consumo aparente vem sendo crescente ao ritmo de 10%, indicando recuperação das perdas de 2005. No setor de aços planos, prevê-se aumento de 9,9%, devido principalmente aos setores automotivo, máquinas industriais, utilidades domésticas e comerciais. Em longos, o crescimento previsto é de 12,4%, devido

principalmente à construção habitacional, estimulada por medidas governamentais ao crédito, embora o desempenho esteja aquém da demanda potencial face às ainda elevadas taxas de juros.

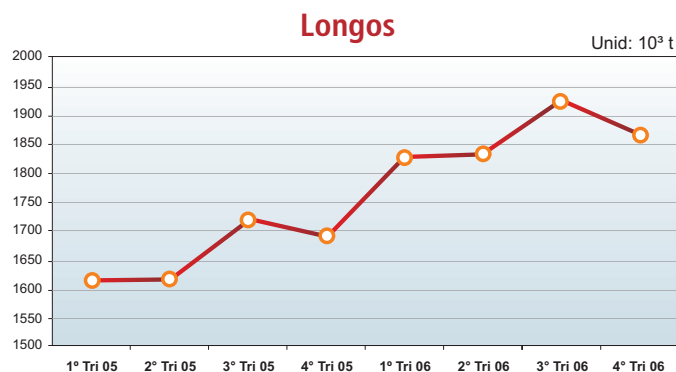
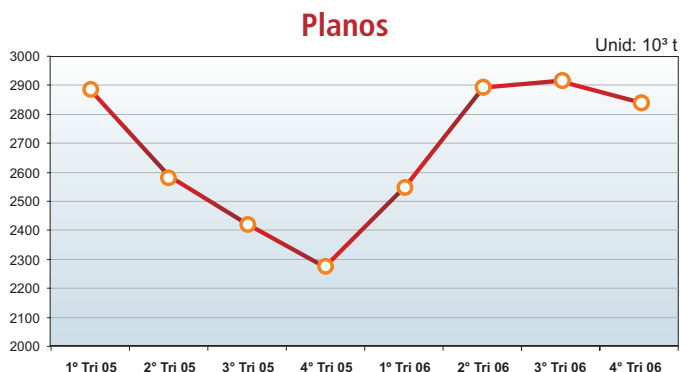
Quanto às exportações, a receita total prevista é de US\$6,4 bilhões. O volume deve apresentar queda de cerca de 3%, devido ao maior aquecimento do mercado interno no setor de aços longos. Ainda assim, as vendas externas continuam representando cerca de 40% das vendas totais do setor, contribuindo significativamente para o saldo da balança comercial brasileira.

Siderurgia Brasileira - Síntese

Unid: 10³ t

Especificação	2004	2005	2006	05/04	06/05
PRODUÇÃO			Previsão	(%)	(%)
Aço Bruto	32.909	31.610	30.903	(3,9)	(2,2)
Laminados	23.368	22.607	23.653	(3,3)	4,6
Planos	14.441	14.187	14.610	(1,8)	3,0
Longos	8.927	8.420	9.043	(5,7)	7,4
Semi-Acabados p/ vendas	7.187	6.629	6.369	(7,8)	(3,9)
VENDAS INTERNAS (*)	17.783	16.061	17.669	(9,7)	10,0
Semi-Acabados p/ vendas	689	598	688	(13,2)	15,1
Planos	10.536	9.604	10.411	(8,8)	8,4
Longos	6.558	5.859	6.570	(10,7)	12,1
COMÉRCIO EXTERIOR					
Exportações (10 ³ t)	11.982	12.514	12.073	4,4	(3,5)
(US\$ Bilhões)	5,3	6,5	6,4	22,6	(1,5)
Semi-Acabados	6.339	5.957	5.330	(6,0)	(10,5)
Planos	3.661	3.739	4.293	2,1	14,8
Longos	1.982	2.818	2.450	42,2	(13,1)
Importações (10 ³ t)	549	756	1.856	37,7	145,5
(US\$ Bilhões)	0,5	0,9	1,3	80,0	44,4
Semi-Acabados	12	23	806	91,7	3.404,3
Planos	262	373	580	42,4	55,5
Longos	275	360	470	30,9	30,6
CONSUMO APARENTE (**)	18.316	16.812	18.645	(8,2)	10,9
Planos	11.022	10.168	11.178	(7,7)	9,9
Longos	7.294	6.644	7.467	(8,9)	12,4

Síntese Trimestral - Consumo Aparente (**)



(*) Exclui as vendas para dentro do parque.

(**) Vendas internas + importações, excluindo as vendas para dentro do parque e importações das empresas siderúrgicas para transformação.